desleituras
Número 2
fev./mar. 2022

OBSERVAÇÕES SOBRE OS PRONOMES PESSOAIS

José Augusto Carvalho

Os pronomes pessoais podem ser usados de forma genérica, sem ligação direta com as pessoas do discurso. O pronome *eu*, por exemplo, com sentido genérico, pode designar não apenas o falante, mas o ouvinte ou qualquer outra pessoa. Imaginemos alguém que, falando das vantagens de se passar algum tempo no interior, diga, numa linguagem informal: "Numa cidadezinha, é bom, eu posso respirar ar puro, fazer higiene mental. Onde é que eu acho lugar melhor para descansar, senão na roça?"

1

O falante, pelo fato de dizer *eu*, não quer significar necessariamente que tenha estado numa cidade pequena. Ele está generalizando uma situação cuja vivência considera universalmente válida.

O pronome de 2ª pessoa (*tu*, *você*, *o senhor*, etc.) também pode ter um emprego de sentido genérico, que o aproxima do grupo dos indefinidos, isto é, um emprego em que não se refere especificamente a nenhum ser

determinado. Embora semanticamente de 2ª pessoa, o pronome *tu* (*você*, *o senhor*, etc.) pode designar, por transferência de experiência pessoal, uma 3ª pessoa generalizada e, simultaneamente, o *eu* e o *tu* do processo de comunicação. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que designa um ser indeterminado, também designa o falante e o ouvinte, numa neutralização das três pessoas gramaticais num espécie de arquimorfema. Por exemplo, ao falar com uma amiga solteira, um homem pode desabafar assim: "Você chega *cansado* na sua casa, encontra *sua mulher* indisposta, *seu filho* doente, e aí você fica *transtornado*, sem saber o que fazer." Observe-se que os adjetivos *cansado* e *transtornado*, referindo-se a *você*, não estão no feminino, como seria de supor, já que a ouvinte é mulher. Esse *você*, na verdade, é o próprio *eu* do falante na tentativa de generalização de seu próprio caso particular. *Você*, nesse exemplo, assume as três pessoas gramaticais: é o *ele* genérico; é o *eu* que narra a própria experiência e é o *tu* (*você*) também genérico, com que *eu* pretende partilhar sua própria sorte.

Esse emprego de *tu*, em sentido genérico, foi analisado por Halliday e Hasan, que o chamaram de exófora institucionalizada (HALLIDAY, M.A.K. e RUQAYA, Hasan. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976, p. 53), junto com o *nós* e o *ele* usados também genericamente. Exófora é tudo o que se refere a algo exterior ao texto. Por exemplo, o pronome *eu*, numa carta, é um pronome exofórico porque se refere a alguém que se situa fora do texto escrito. Eis o que dizem esses autores: "Não somente o pronome pessoal generalizado *one*

mas também *we*, *you*, *they* e *it* têm um uso exofórico generalizado em que o referente é tratado como se fosse imanente em todos os contextos de situação. *You* e *one* significam "qualquer indivíduo", como em '*you never know, one never knows*'[trad.: você nunca sabe, nunca se sabe]; (...) *We* é usado de forma semelhante mas mais concretamente, implicando um grupo particular de indivíduos com os quais o falante deseja identificar-se, como em '*we don't do that sort of thing here*' [trad.: nós não fazemos esse tipo de coisa aqui]."

Giselle Machline de Oliveira e Silva registra também no francês fenômeno semelhante: "On ne va plus en France sans qu'on vous exploite" [trad.literal: Não se vai mais à França sem que explorem você.]. (SILVA, Giselle M. de Oliveira e. **Aspectos sociolinguísticos dos pronomes de tratamento em português e francês**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1974 – dissertação de mestrado inédita). A autora, contudo, ressalta apenas o emprego de *vous* (você) como anáfora do primeiro *on*, e não como exemplo de exófora institucionalizada.

O *você* como exófora institucionalizada pode ser entendido como referência a uma 2ª pessoa imaginária, o que não lhe tira o *status* de pronome pessoal, ainda que se assemelhe semanticamente a um pronome indefinido. Apesar de se assemelharem semanticamente aos pronomes indefinidos como quantificadores determinados, os numerais cardinais, por exemplo, continuam sendo numerais cardinais: "Havia cinco homens na sala. Os cinco saíram (= todos saíram)."

Eles também pode ser empregado com um sentido genérico, em sua forma plena ou em sua forma *ø*: "Fui à secretaria, mas eles não quiseram dar-me o atestado." Esse *eles* pode estar significando apenas uma pessoa que o falante não quis nomear ou determinar. Sintaticamente, contudo, neste caso, *eles* é analisado como sujeito simples (por só ter um núcleo). Em sua forma *ø*, a indeterminação da 3ª pessoa do plural é registrada em todos os compêndios gramaticais como "sujeito indeterminado": "Assassinaram o Presidente Kennedy" (Cf. CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. 6.ed. rev. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1976, p. 91). Um sujeito só é considerado indeterminado, pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, quando não tem núcleo. O sujeito é simples se tiver um só núcleo, ainda que esse núcleo seja um pronome indefinido, como em "Todos saíram", "Nada me afeta", "Tudo mudou".

Na classificação tradicional dos pronomes pessoais, os gramáticos ensinam que *eu* é a pessoa que fala, que *tu* (*você*) é a pessoa com quem se fala e que *ele* é a pessoa de quem se fala. Os estudos linguísticos e a observação do falar cotidiano revelam que *eu* pode ser a pessoa de quem se fala, que *você* pode ser a pessoa que fala e que *ele* pode ser a pessoa com quem se fala. Senão vejamos.

Antes de mais nada, chamemos de elocutivo a pessoa que fala; de alocutivo a pessoa com quem se fala e de delocutivo a pessoa de quem se fala, independentemente do pronome usado.

Os versos de Chico Buarque, na canção "Teresinha", dizem, em certo momento: "Mal sei como ele se

chama, / mas entendo o que ele quer, / se deitou na minha cama/ e me chama de mulher...” Esse *eu*, sujeito de *sei* **e** de *entende*, e as formas respectivas *me* e *minha*, não podem referir-se ao autor Chico Buarque, mas à personagem que se diz “eu”. Esse *eu*, portanto, é elocutivo apenas na estrutura de superfície, mas na estrutura profunda é um pronome delocutivo, isto é, denota a pessoa de quem se fala, como num romance em 1ª pessoa, em que o personagem que conta a história é a pessoa de quem se fala e não a pessoa que fala, o romancista.

O pronome *ele* também pode ser elocutivo, referência à pessoa que fala. Batem à porta com insistência, e a dona de casa, correndo para atender, grita a quem bate para acalmá-lo: “Já vai, já vai!” Esse “já vai” significa “já vou”. Melhor exemplo do *ele* elocutivo está nos requerimentos, em que o requerente, por gentileza compulsória, se trata a si mesmo na 3ª pessoa: “Fulano de Tal requer de V. Exa. se digne conceder-lhe tal documento... Nestes termos, pede e espera deferimento.” A gentileza aí é compulsória, porque uma regra de concordância verbal ensina que a 1ª pessoa predomina a 2ª. Se o requerente usar a 1ª pessoa, estará se colocando acima da 2ª pessoa, que é pessoa a quem se faz o requerimento, hierarquicamente, pelo menos no caso, acima do requerente. Para não pôr-se acima dessa autoridade a quem se peticiona um favor, o solicitante se coloca num plano inferior tratando-se a si mesmo como *ele*. Quando a mãe diz ao filho: “Se você ficar quieto, *mamãe* vai comprar um presente para você”, esse “mamãe” é um pronome de tratamento de 1ª pessoa, equivalente a “eu”. É, portan-

to, elocutivo. Outro exemplo da 3ª pessoa elocutiva: ao ser indagado como vai, um falante do português brasileiro poderá dizer: "Vive-se, trabalha-se, ganha-se a vida."

Normalmente, o pronome *nós* significa "eu + alguém diferente de eu". Mas o pronome *nós* pode ser um pronome de tratamento de 2ª pessoa, equivalente a *tu* ou a *você*, excluindo o falante. O médico chega de manhã ao hospital e pergunta ao paciente: "Como estamos hoje? Como passamos a noite?" Obviamente, esse *nós* não inclui o médico; é alocutivo, refere-se à pessoa com quem se fala. A mãe que vai dar a sopa ao filho, diz-lhe carinhosamente: "Vamos tomar a sopinha?" Na verdade, é o filho que vai tomar a sopa. Esse *nós* exclui o falante e designa a pessoa com quem se fala.

O pronome *você* (*tu*) pode ser um pronome de tratamento de 1ª pessoa, elocutivo, designando o falante. Diz um rapaz a uma amiga: "*Você* chega *cansado* da rua, encontra *sua* mulher cansada, *seu* filho doente, e aí *você* fica *maluco*, sem saber o que fazer." Esse *você* não está designando a amiga (a concordância nominal está no masculino, embora o rapaz esteja falando com uma moça), porque é um *você* que designa o próprio falante, que usa a forma de 2ª pessoa para que a amiga possa melhor colocar-se na pele dele, sentir melhor o seu drama.

Ele pode ser pronome de tratamento de 2ª pessoa. O namorado pergunta à namorada se pode beijá-la. Em vez de dizer **sim**, ela diz: "Ele pede!", como quem acha estranho que ele peça um beijo em vez de roubá-lo. Em alguns lugares de Portugal, como em Avelanoso, Maria

José de Moura Santos, no livro **Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes** (Separata da **Revista Portuguesa de Filologia**, Coimbra, 1967, p. 21), registrou entre outros este exemplo de *ele* como tratamento de 2ª pessoa: "Num bais a buscar a lenha? – Porque num bai ele?" (= Por que não vais tu?) Leite de Vasconcelos, em seus **Estudos de filologia mirandesa**, p. 440, lembrados pela autora, também registrou esse uso em mirandês .

O uso do pronome de tratamento formado de possessivo mais substantivo abstrato, como *Vossa Alteza* ou *Vossa Majestade*, permite ao falante aumentar ainda mais a distância que o separa do alocutado, com o respeitoso recurso à 3ª pessoa: o falante não mais se dirige à pessoa do alocutado, mas à qualidade que dele emana, expressa pelo substantivo abstrato. Por isso, Pero Vaz de Caminha, em sua carta, dirige-se a D. Manuel usando *ela* como pronome de tratamento em referência à alteza do rei: "E neesta maneira Senhor dou aquy **avosa alteza** do que neesta vos terra vy esse aalgum pouco alomguey, **ela** me perdoe... (**A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Edição de J. F. de Almeida Prado. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 110).

A expressão *Vossa Mercê* teve uma formação diferente. Originariamente, o falante dirigia-se a um superior (Deus, a Virgem, o Papa, o rei), pedindo-lhe por *mercê*, invocando, assim, o seu "favor" ou a sua "graça". Já no séc. XIII, nas **Cantigas de Santa Maria**, de Afonso X, se encontra a fórmula *pedir por mercê*, dirigida à Virgem, e, na mesma época, ao rei, em algumas cantigas de amigo: "irei a (el)l-rei mercee pedir" (NUNES, **Cantigas d'Amigo dos**

Trovadores Galego-Portugueses, 1926, p. 133, *apud* LUZ, Marilina dos Santos. **Fórmulas de tratamento no português arcaico**. Coimbra: Casa do Castelo, 1958, p. 18).

Usted/você são as formas reduzidas mais difundidas e generalizadas dos tratamentos *Vuestra Merced/Vossa Mercê*. Já eram de uso corrente em princípios do século XVI, mas só se encontram documentadas a partir do séc. XVII, possivelmente por serem expressões socialmente estigmatizadas e, portanto, indignas de registro. Segundo Rafael Lapesa, "en el siglo XVII (...) eran próprias de criados y bravucones" (LAPESA. Rafael. **Historia de la lengua española**. 2.ed. cor. y aum. Madrid: Escelicer, [1950?], p. 243). Os lexicógrafos não encontravam nelas dignidade suficiente para incorporá-las aos seus dicionários.

A referência à qualidade do alocutado designada pelo substantivo abstrato, na expressão com o possessivo, acarretou, em italiano, o uso atualmente generalizado do pronome feminino *lei* (= ela), como forma de tratamento respeitoso. Em alemão, o mesmo fenômeno ocorreu, mas o pronome de tratamento que originou a utilização do feminino *Sie* tinha o substantivo abstrato em sua forma plural: *Gnaden* (= Clemências, Graças), ligada ao tratamento *Ihr* (=vós), plural majestático, segundo se lê em DROSDOWSKI, Günter & GREBE, Paul. **Der Grosse Duden-Etymologie – Herkunfswörterbuch der Deutschen Sprache**. Mannnheim: Bibliographisches Institut, 1963, s.v. *Gnade*. O sentido do termo *Gnade*, de acordo com as informações desse dicionário etimológico de Drosdowski e Grebe, que rastreio, foi fixado, em grande parte, pela ideia cristã de graça divina, embora já

existisse o termo entre os germanos pré-cristãos, com o sentido de "livramento de pena", "misericórdia para com o vencido, o condenado ou o súdito". A fórmula *Von Gottes Gnaden*, usada desde o séc. V para os príncipes da Igreja, começou a aparecer como acréscimo aos títulos dos senhores feudais, na época carolíngia. Era uma tradução do latim tardio *Clementia Vestra*. O *Sie* de tratamento, no moderno alto alemão, era usado inicialmente como 3ª pessoa plural, ao lado do título, a partir do séc. XVI, para pessoas gradas: *Euer Gnaden haben*... (= Vossas Clemências têm...), donde: *Sie haben* (= elas têm). Desde o séc. XVII, o *Sie* é empregado sem o uso do título. A expressão *Ihre Gnaden*, que Fourquet, em sua **Grammaire de l'Allemand** ((Paris: Hachette, 1962, p. 64) dá como ponto de partida para a substituição pelo *Sie* de respeito, já é de formação posterior a *Eure* (por *Euer*) *Gnaden*. *Eure* é possessivo que pertence ao paradigma de *Ihr* (= vós), e *ihre* é possessivo que pertence ao paradigma de *sie* (= ela).

O estudo do problema de *Vossa Mercê* leva-nos a uma conclusão interessante: comparando o que dissemos em relação a *Eure Gnaden*, ao uso de *Clementia Vestra*, podemos verificar que os fatos se combinam para explicar várias soluções de atestação tardia:

1.*Vestra Clementia* é sinônimo de *Vossa Graça* ou *Vossa Mercê*, e é fórmula antiga do latim eclesiástico;

2.*Eure Gnaden*, que, por sua vez, é sinônimo de *Vestra Clementia*, originou, por ligar-se ao tratamento *vós*, de Majestade, a fórmula atual de reverência *Sie*;

3. *Vossa Mercê* nada mais é que um sucedâneo tardio de *Vestra Clementia*, que originou o *usted* espanhol e o *você* português;

4. *Lei*, o tratamento de respeito em italiano, também tomado ao pronome feminino, é uma referência à clemência, à graça do alocutado.

Temos, assim, uma origem única para fatos aparentemente diversos, como o al. *Sie* (forma plural), o esp. *usted*, o port. *você* e o it. *lei* (forma singular).

(Não se apresenta aqui a bibliografia utilizada porque toda citação tem, no próprio texto, a indicação da obra consultada, segundo as normas da ABNT.)